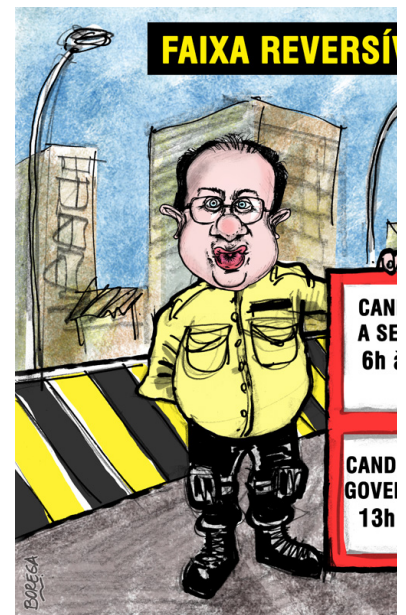




CHARGE DA SEMANA



André Pomponet

Passeio na orla do rio do Prata

André Pomponet - 03 de abril de 2018 | 11h 53

No rio do Prata, o que primeiro chama a atenção do visitante é o ruído manso das águas. Elas formam ondas permanentes, tranquilas nos dias calmos, mas que se encrespam, se encorpam nos dias de tormenta. A tonalidade dá sempre a sensação de que varia pouco: quando o céu está limpo e o sol despeja uma luz branca sobre suas águas, o Prata exibe uma coloração verde limosa, monótona; mas, subitamente, para espanto do observador, insinua-se uma coloração avermelhada, barrenta, que se desfaz em alguns instantes, sob a espuma que se forma, abrupta, à orla.

Às vezes, quando o observador espicha o olhar enxerga, a meia distância, espumas que o vento forma e que arremetem, indóceis, em direção às margens. Naquele momento em que o céu exibe azul indevassável, a linha do horizonte assume uma discreta coloração azulada: na média, porém, o que há é a coloração metálica, plúmbea, que flerta pouco com outros tons. Diverge – e muito – com o espetáculo de cores da Baía de Todos os Santos, na porção tropical do planeta.

As pedras que o margeiam – e que tentam se insinuar rio adentro – são acinzentadas, melancólicas, mas exibem uma pigmentação brilhante, chamativa. Há, ao longo da orla, escassas faixas de areia, aonde se concentram crianças excitadas pelo contato com a natureza, jovens que arriscam o vôlei e o futevôlei, preparadores que condicionam gente que persevera, casais, famílias que prozeiam, despreocupadas, movidas a chimarrão.

Desde a *Ciudad Vieja* e ao longo de toda a orla de Montevideu há, à disposição, uma larga e bem-cuidada calçada. Ao longo dela se distribuem incontáveis pescadores, que aventuram alguma coisa no Prata: boa parte empunha equipamentos sofisticados e, enquanto aguarda o peixe, sorve chimarrão, fuma ou arruma apetrechos.

Ciudad Vieja

No verão, o sol protagoniza um espetáculo que só finda depois das oito da noite. O trânsito costuma ser intenso nos horários de pico, mas o pedestre pode ouvir as águas rumorejando, mansas, nos intervalos em que os motores não roncam. Ao longo da avenida os prédios baixos permitem contemplar ao fundo a *Ciudad Vieja*, com as cúpulas das igrejas e os imponentes telhados dos casarões de estilo sóbrio. Entre elas destaca-se a Igreja dos Ingleses, cinzenta.

Ladeiras curtas e estreitas conectam a orla com o centro histórico de Montevideu. Agradáveis, silenciosas, repletas de plátanos, essas ruas abrigam antigos casarões e os novíssimos espigões para a classe média que comprou imóvel novo nos últimos anos. À margem do Prata predominam prédios de altura média, de tijolos vermelhos, aparentes.

COLUNISTAS



César Oliveira

Juízes contra a impunidade

Da Bodega do Leegoza



André Pomponet

Passeio na orla do rio do

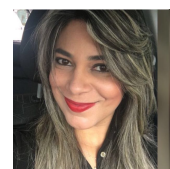
As necessidades e fragilidades logísticas de Feira



Valdomiro Silva

Bahia e Vitória não conseguem liderar seus grupos, no

Do correio ao inadaptado: os equívocos dos atletas, I



Emanuela Sampaio

Beterraba By Home garante endereço em Salvador: o décor será reinaugurado próximo dia 5 de abril

Dra Ana Mayra em mais

no exterior

AS MAIS LIDAS HOJE



1

Nas imediações da *Ciudad Vieja* fica o porto, do outro lado da península. O movimento é frenético: pelo Prata se veem imensos cargueiros que manobram, pesados, lentos, imponentes, com sua parafernália mecânica, tomando o rumo do oceano Atlântico. Ou aqueles que vão fazer escala em Buenos Aires e que, aos poucos, começam a desaparecer na poeira d'água que se adensa com a distância, varejando as entranhas da América do Sul.

Farol

No verão, a orla de Montevideú é uma sucessão de vistas privilegiadas para acompanhar o espetáculo do pôr-do-sol. Nenhum deles, porém, se compara à experiência visual – e, sobretudo, estética – de enxergar o poente como no farol de Punta Brava. O acesso é por uma via margeada por rochas extensas. Percorrendo-a, depara-se mais uma vez com o Prata em uma área ampla, coberta por uma areia encardida, na qual se destaca o farol. É o ponto mais ao sul de Montevideú.

A construção é antiga e o acesso ao alto se dá por uma tortuosa e estreita escada que exige preparo físico. A recompensa, porém, é incomensurável, indescritível: durante intermináveis minutos o sol mergulha como uma esfera de cobre, incandescente, vívida, tangendo fiapos de nuvens. Passa das oito e meia, a cidade se acende, mas o espetáculo principal é o astro que mergulha nas águas escuras do Prata.

Quando o rio começa a absorver a esfera solar vem a surpresa: quem assiste do alto do farol, espantando, tem a ilusão de que o sol mergulha quadrado no horizonte. Dali, o silêncio só é quebrado pelos longínquos sons urbanos. Espetáculo breve, fugaz, mas que produz impacto imenso sobre quem o testemunha.

LEIA TAMBÉM

André Pomponet

As necessidades e fragilidades logísticas de Feira

Feira deve ter novo prefeito semana que vem

Católicos celebram Semana Santa, mas ódio se dissemina pelo País



País está perdendo ideia de instituição Temer

2 Passeio na orla do rio do Prata

3 Manifestantes acendem velas para Mãe Anderson no Brasil e no exterior

4 Estado australiano punirá com prisão p casos de pedofilia

5 Em pronunciamento na TV, Cármen Lúcia "tempos de intolerância" no país



[INÍCIO](#) [O TRIBUNA](#) [ANUNCIE AQUI](#) [EDIÇÃO IMPRESSA](#) [VOCÊ NO TRIBUNA](#) [FALE CONOSCO](#)

redacao@tribunafeirense.com.br

75 3225 7500
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
[@tribunafeirense](#)

Tribuna Feirense © 2018. Todos os direitos reservados

